



3º Encontro Internacional de Política Social 10º Encontro Nacional de Política Social

Tema: “Capitalismo contemporâneo: tendências e desafios da política social”

Vitória (ES, Brasil), 22 a 25 de junho de 2015

Eixo: Mundo do Trabalho

Identities às avessas: os desafios do exercício profissional das Assistentes Sociais da Vale em Carajás (PA)

Keline da Silva Borges¹
Adriana de Azevedo Mathis²

Resumo

Discutem-se as relações de trabalho do Serviço Social da Vale em Carajás-PA, sob a ótica das representações das assistentes sociais e das identidades profissionais assumidas na prática no contexto de reestruturação produtiva, com o objetivo de analisar como as profissionais constroem suas representações e identidades, compreendidas como manifestações ideológicas das relações de trabalho sob o capitalismo. As categorias analíticas foram o trabalho e ideologia na tradição marxista. Realizou-se pesquisa empírica in-loco e a partir da análise qualitativa dos dados constatou-se que as identidades das assistentes sociais da Vale são identidades às avessas do direcionamento estratégico do projeto ético-político da profissão.

Palavras-chave: Trabalho. Ideologia. Reestruturação produtiva. Vale.

Abstract

Discusses the working relationships of Social Work at Vale in the Carajas region in context of a capitalist productive restructuring, under the representations and identities of the social workers, which are understood as ideological manifestations of the capitalist work's relationships. The analysis' central categories were the work and ideology in the Marxist tradition. Was developed empirical search. The qualitative analysis found that the social workers' identities at Vale are topsy-turvy identities to strategic direction of the ethical-political project of the Social Work.

Keywords: Work. Ideology. Productive restructuring. Vale.

INTRODUÇÃO

A deflagração da crise de reestruturação produtiva capitalista, a partir da década de setenta, inaugurou um período de mudanças históricas estruturais na sociedade, que alteram substancialmente as relações sociais em todos os âmbitos da sociedade civil. Como forma de atingir seus objetivos de acumulação e lucro em meio à crise instaurada,

¹ Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Docente do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UFPA; Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ).

o capital desenvolve estratégias que ultrapassam os limites da produção, se estendendo também aos espaços de reprodução social e espiritual da força de trabalho. A sociabilidade dos trabalhadores, suas representações e identidades passam a sofrer as influências diretas das tendências universais ora sinalizadas³.

Considerando que o Serviço Social é uma profissão regulamentada e o assistente social participa da divisão social do trabalho⁴, é fato que estas transformações incidem também sobre a atuação profissional. Nesse sentido, o presente artigo analisa as relações de trabalho do Serviço Social na Vale⁵, na região de Carajás⁶, sob a ótica das representações que as próprias assistentes sociais fazem de si, e que por meio destas, recriam suas identidades profissionais na prática cotidiana⁷.

À luz da teoria marxista, compreende-se que no âmbito do Serviço Social não existe apenas uma identidade, unilateral e unívoca e sim diferentes identidades profissionais, que determinam as formas de ser e de se relacionar assumidas pelos assistentes sociais no desenvolvimento da prática profissional, que têm no trabalho sua categoria ontológica central e que são eminentemente contraditórias pois criadas no processo de produção e reprodução das relações sociais.

Dessa forma, por se tratar de uma transnacional que está alinhada às tendências mundiais de transformação no mundo do trabalho, a Vale é um terreno fértil para estudar as contradições da reestruturação produtiva que são determinantes para a construção das representações e identidades das assistentes sociais que se materializam no cotidiano

³ O artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado, concluída em 2014.

⁴ A discussão do Serviço Social como integrante da divisão social do trabalho foi abordada de forma inaugural no Brasil por Yamamoto e Carvalho (1982).

⁵ A Vale S.A foi fundada como estatal no ano de 1945, em Itabira- Minas Gerais, pelo então presidente Getúlio Vargas. Denominada de Companhia Vale do Rio Doce- CVRD, foi criada para suprir a demanda por ferro no Brasil e nos países que estavam em reconstrução no pós-guerra. Foi privatizada em 1997, como parte integrante do pacote de reformas neoliberais implementadas no governo FHC e atualmente, é uma empresa transnacional de capital aberto, monopólio no ramo de mineração, com sede no Brasil e atividades em cerca de trinta países. A opção por pesquisar a Vale se deu a partir da experiência de trabalho da pesquisadora como assistente social em uma das unidades da empresa, período em que surgiram diversos questionamentos e inquietações teóricas a respeito das transformações no mundo do trabalho e as formas com que estas se materializavam naquele ambiente empresarial.

⁶ A região de Carajás está localizada na mesorregião Sudeste do Pará e compreende os municípios de Parauapebas, Canaã dos Carajás, Eldorado dos Carajás e Curionópolis

⁷ Constatou-se que o quadro de assistentes sociais pesquisados é composto por mulheres, dessa forma, para preservar suas identidades de gênero, utilizou-se os nomes fictícios de Andréia, Beatriz, Clarisse e Denise, sendo que sempre que nos referimos a elas, utilizaremos posições, artigos, etc, sempre no feminino

profissional, com o objetivo de analisar a relação dialética entre as diferentes ideologias presentes no projeto profissional e no planejamento estratégico empresarial.

As categorias centrais de análise foram o trabalho⁸, de acordo com a teoria marxista e a ideologia na concepção de Gramsci⁹, pois no atual contexto, a ideologia tornou-se fundamental para assegurar a dominação e exploração da força de trabalho de forma consensual e alienada, não apenas repressiva. Utilizou-se na análise o método histórico-dialético contido na teoria social crítica desenvolvida por Marx e Engels, pois compreende-se que este é o único método que possibilita a análise do objeto em sua totalidade material e histórica.

A pesquisa empírica, que foi realizada in-loco nos escritórios administrativo e operacional localizados na sede do município de Parauapebas e na Serra dos Carajás, teve como sujeitos quatro assistentes sociais, que respondem pelas unidades pesquisadas e representam 80% do quadro de Serviço Social da empresa na região¹⁰.

A partir da análise qualitativa dos dados obtidos através de entrevistas e narrativas de histórias de vida, constatou-se que os processos de manipulação da subjetividade que envolvem as assistentes sociais as distanciam dos referenciais teórico-metodológicos críticos da profissão e favorecem a criação de identidades que estão às avessas do direcionamento crítico contido no projeto ético-político-profissional do Serviço Social, sendo portanto, identidades produzidas e reproduzidas de forma acrítica e imediatista.

1 ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E SEUS REFLEXOS NA VALE EM CARAJÁS

⁸ Categoria central da tradição marxista, o trabalho “é um processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla o seu intercâmbio material com a natureza [...]. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constituiu a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade [...] (MARX, 2012, p. 211-212). [...] O trabalho “é condição natural eterna da vida humana” (MARX, 2012, p. 218).

⁹ De acordo com Gramsci (1929-1935), as *ideologias são fatos históricos reais*, que se movem em um *bloco histórico* formado pela *estrutura* e pelas *superestruturas*, onde aquela é constituída pelas relações sociais de produção e estas, são a realidade objetiva, um conjunto complexo e contraditório que se origina da estrutura.

¹⁰ O quadro é composto por cinco profissionais, entretanto, uma delas não recebeu autorização de seu gestor para participação na pesquisa.

A partir da crise de reestruturação produtiva, a dinâmica das relações sociais entre Estado, capital e trabalho foi profundamente alterada de forma a alinhá-las às tendências de flexibilização. De acordo com Netto (2004), a reestruturação produtiva ou “reestruturação do Estado em curso”

pode ser sinalizada como a hipertrofia da sua função [do Estado] de garantidor da acumulação capitalista simultaneamente à sua atrofia como legitimador desta; na medida em que o fundamento dessa reestruturação é a concepção de que o único regulador societal legítimo e eficiente é o mercado, o que vem emergindo da reestruturação em curso é um Estado mínimo para o trabalho e máximo para o capital (NETTO, 2004, p. 72, grifo nosso).

Com o objetivo de assegurar o desenvolvimento do mercado e restaurar as taxas de desenvolvimento estáveis o capitalismo implementou um conjunto de reformas políticas neoliberais, que não atingiram este objetivo, no entanto se constituíram em um “movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado [...], lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional (ANDERSON, 1995, p. 20)”.

No âmbito da produção, a introdução de novas e avançadas tecnologias informacionais reduziu a necessidade de trabalho vivo e da mão de obra direta nos processos produtivos. As referidas tecnologias são baseadas principalmente no toyotismo¹¹ que segundo Alves (2011), tem como pressuposto essencial “a ‘captura’ da subjetividade do trabalho vivo.

A Vale está alinhada às tendências internacionais sinalizadas que se refletem nas localidades onde atua. Na região de Carajás seu processo de implantação modificou as atividades econômicas originais da região e hoje a empresa transformou-se no “agente de desenvolvimento dominante na região [pois a maioria de seus municípios] têm a sua dinâmica econômica, social e política, atrelada às atividades de mineração da empresa” (MATHIS; MATHIS, 2012, p. 02).

¹¹ O Sistema Toyota de Produção, ou modelo japonês, foi desenvolvido no Japão por Taiichi Ohno (1912-90).

Entretanto, sob o discurso do desenvolvimento sustentável¹² a maior parte da riqueza e dos lucros produzidos por meio dos recursos minerais presentes na Serra dos Carajás, que transformaram a empresa em um monopólio, são privatizados e expropriados, revertidos em dividendos aos acionistas, restando à região e sua população a menor parcela desses rendimentos em contraposição à maioria das mazelas, impactos sociais, econômicos e ambientais.

Após a privatização, ocorrida em 1997, a Vale passou a adotar diretrizes de gestão da produção e reprodução da força de trabalho fetichizadas e mistificadas, que são difundidas por meio de linguagem simples e envolvente, facilmente absorvida pelos trabalhadores que tendem a reproduzi-la em seus discursos. Como trabalhador assalariado que integra a força de trabalho da Vale, o assistente social é diretamente envolvido nesses processos, que induzem os trabalhadores a cooperar passivamente com o processo de acumulação da transnacional.

No surgimento do Serviço Social as representações¹³ e identidades¹⁴ dos profissionais reproduziam as demandas que lhes eram impostas, de modo a favorecer a conservação da hegemonia burguesa. Ao longo do desenvolvimento histórico da profissão e especialmente nas últimas décadas, as identidades profissionais foram sendo transformadas, mas seu devir histórico sempre foi marcado de contradições, de continuidades e rupturas.

No cenário sócio-político brasileiro criado a partir da elaboração e aprovação da Constituição Brasileira de 1988, a categoria consolidou um novo projeto ético-político-profissional crítico, sintetizado no Código de Ética de 1993, na Lei de Regulamentação

¹² A empresa modificou o conceito de *desenvolvimento sustentável* construído coletivamente e sintetizado no relatório *Nosso Futuro Comum* da ONU, dando ênfase à acumulação de lucro e de “valor para seus acionistas e demais partes interessadas”, em troca de um legado “positivo” para as regiões onde atua, ocultando o legado “negativo” e as consequências sociais, econômicas e ambientais severas à população e região.

¹³ À luz da tradição marxista, Yasbek (2009), define as representações como sendo as próprias relações sociais que os sujeitos expressam, por meio de discursos simbólicos e subjetivos que têm a função de “organizar significativamente a realidade, de explicá-la, de orientar os comportamentos e de criar uma *identidade* social”. Embora subjetivas, as *representações* refletem uma realidade objetiva, uma coletividade da qual aquele sujeito é parte integrante (YASBEK, 2009, p. 22; 34).

¹⁴ A *identidade* é a forma pela qual “cada indivíduo encarna as relações sociais, [e configura] uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida que nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais... No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela (CIAMPA, 1990, Apud YASBEK, p. 35). A *identidade* é “um processo em movimento e metamorfose”, [só podendo ser compreendida] “a partir das práticas sociais e das *representações* que [o indivíduo] faz destas práticas” (LANE apud YASBEK, 2011, p. 35).

da Profissão, também datada de 1993 e nas Diretrizes Curriculares para os cursos de Serviço Social da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social- ABEPSS de 1996. Dessa forma, a categoria firmou seu compromisso ético-político com os direitos e os interesses das classes menos favorecidas, orientando a formação e o exercício profissional a partir de três dimensões: teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política.

O novo projeto representou a construção de novas identidades e representações críticas da profissão, mas não se pode desconsiderar que os traços conservadores da profissão deixaram marcas epistemológicas e desafios que ainda estão presentes na contemporaneidade.

2 ENTRE CRISES DE IDENTIDADES E IDENTIDADES ÀS AVESSAS NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA VALE EM CARAJÁS

A pesquisa empírica buscou primeiramente analisar os aspectos relativos à formação profissional das assistentes sociais entrevistadas. No perfil traçado, chama a atenção o fato de que apenas uma das profissionais se formou sob as novas Diretrizes Curriculares da ABEPSS. A natureza das instituições de formação é tanto pública quanto privada e as profissionais que possuem especialização, realizaram cursos de pós-graduação na área de Recursos Humanos ou outros, mais voltados para a atuação em empresas, cujos conteúdos não possuem os mesmos fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social, o que contribui para o distanciamento do projeto ético-político e da direção estratégica da profissão.

Em seguida, buscou-se analisar o significado e o lugar social ocupado pela profissão nos processos produtivos da empresa. Constatou-se que as assistentes sociais estão lotadas na área de saúde e segurança do trabalho e as principais ações desenvolvidas são os atendimentos voltados aos programas para Tratamento da Dependência Química; Programa de Saúde Mental; Programa de Acompanhamento a Hipertensos e Diabéticos e Programa de Gestão de Afastamento Previdenciário.

No Programa para Dependentes Químicos, os empregados são submetidos à testagem toxicológica e aqueles que são diagnosticados como dependente químicos são inseridos no programa que oferece tratamento no período de um ano, podendo ser encaminhados para internação em clínicas especializadas conforme o estágio da doença.

Ao questionarmos como as assistentes sociais avaliam os aspectos comportamentais e relacionais desses empregados no processo de ressocialização e readaptação ao trabalho uma das profissionais afirma que o programa tenta fazer uma reconstrução da identidade desse trabalhador, demonstrando que não é apenas a identidade do empregado dependente químico que é reconstruída, a do assistente social que atua no programa também, pois a mesma passa a reproduzir inconscientemente o discurso conservador que responsabiliza unicamente o empregado por sua condição patológica. Essa afirmação é reforçada quando elas associam a dependência química a fatores unicamente culturais ou individuais, devido à escassez de opções de lazer e outros atrativos, ao baixo nível educacional, a questões de fundo moral e até mesmo à questões religiosas.

Findo um ano, a gente faz uma avaliação. Tá beleza? Tá bacana? Vai caminhar com as próprias pernas. [...] Se ele não estiver vai ser feita uma reavaliação. Mas ele não está por quê? De repente o cara não quer! Ele tá usando aquilo ali como um amuleto! Então, você vê que é uma pessoa que está completamente descomprometida com a recuperação dele [...] (Clarisse).

Enfatiza-se a forma com que o diagnóstico de dependência química é realizado, que aparentemente não garante o direito ao sigilo médico do empregado, conforme relato: “Independente se ele vai querer ou não, a gente vai comunicar o gestor dele” (Beatriz). A afirmativa revela uma inversão de valores que dissolve os limites entre o ético e o arbitrário, pois de acordo com a afirmação, além de desconsiderar o direito ao sigilo médico, desconsidera-se que o sigilo é obrigação ético-profissional tanto de médicos e psicólogos quanto do assistente social.

Quando as assistentes sociais de referem ao Programa de Gestão de Afastamentos Previdenciários, é ausente em suas narrativas qualquer menção a reflexões críticas sobre os aspectos da vida do trabalhador e o contexto social em que se desenvolveram as patologias que deram origem ao afastamento previdenciário, do contrário, o que se pode observar é a limitação da atuação à mera execução de atividades administrativas e burocráticas: “A gente faz o processo de afastamento dele no sistema. [...] O empregado já sai daqui com o processo montado, ele só tem que comparecer na perícia no dia e entregar o documento no RH, só isso! [...]”. (Beatriz).

Quanto ao Programa de Saúde Mental, os discursos sugerem que o adoecimento de fundo psicológico ou emocional é visto apenas em sua imediatez, desconsiderando o contexto sócio-ocupacional em que elas se manifestam.

Sobressaem-se nas declarações uma forma de cerceamento das liberdades individuais, que pode gerar impactos na vida do trabalhador e constrangimentos devido à vigilância constante e da sensação de perda de liberdade sobre o próprio corpo. Diante dessa percepção, questionou-se a uma das profissionais como os empregados veem a atuação dos assistentes sociais: “[...] Eu tenho percebido um certo receio das pessoas procurarem também o Serviço Social. [...] A minha hipótese é que num momento de austeridade, onde há chance de cortes, na cabeça dele vão cortar aquele que tem problema e aí, talvez o silêncio seja a melhor opção”. (Clarisse).

A execução de tarefas de cunho burocrático e mecanicista associam as assistentes sociais à figura de “fiscais” a serviço do capital, dando lugar às crises de identidade e à confusão de papéis e de atribuições, que podem ser observadas quando solicita-se às profissionais que definam suas competências, habilidades e atribuições privativas. As ações referidas como privativas se repetem entre as não privativas e o distanciamento das especificidades técnicas da profissão gera angústias e inseguranças, demonstrada na fala de uma das profissionais.

As profissionais não conseguem correlacionar os fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social, aprendidos na universidade, com sua prática atual. Do contrário elas representam claramente a dicotomia entre teoria e prática, veementemente repudiada pelas diretrizes da ABEPSS: “Não correlaciono muito não. [...] Eu sou do tipo que a prática é um pouco diferente da teoria. Acho que você cresce muito mais quando você tá praticando. (Beatriz)”.

As crises de identidade não são prerrogativas exclusivas do Serviço Social e ocasionam inversões ideológicas, a ponto de uma das profissionais confundir a garantia de direitos com a perda de direitos ao se referir à lei das trinta horas¹⁵. Para ela a inexistência desse direito seria mais benéfica do que a sua garantia.

Isso é um negócio que me preocupa profundamente, porque eu acho que o CRESS com o CFESS pensam as normas a partir de um único público, público de assistente social que trabalha em órgãos públicos. [...] E aí generaliza: “todo

¹⁵ A lei 12.317, de 27 de agosto de 2010, estabeleceu a jornada de trabalho de 30 horas semanais para assistentes sociais. A lei abrange todos os/as assistentes sociais, posto que altera a Lei de Regulamentação Profissional (Lei 8.662/1993), incluindo determinação relativa à jornada de trabalho sem redução de salário (CFESS,

assistente social tem que trabalhar com carga horária de trinta horas"! Numa empresa isso prá nós é um risco danado! Inclusive de extinguir.

A perda das especificidades técnicas e o alargamento das funções são reforçadas no processo de elaboração dos programas em que as assistentes sociais atuam, que ocorre de forma vertical, sendo elaborados nas instâncias corporativas da empresa. A equipe multiprofissional que atua nas unidades da Vale se restringe a elaborar o Procedimento Operacional- PRO¹⁶. Além disso, as profissionais esclarecem que seus gestores em sua maioria são médicos, engenheiros e administradores.

A afirmativa reforça a ideia de subalternidade técnica e subalternidade de gênero em torno da profissão de Serviço Social, constituída historicamente pelo gênero feminino, sendo que no âmbito da Vale o que predomina é o gênero masculino. Os traços de subalternidade técnica por vezes são reforçados pelas próprias profissionais, o que é perceptível quando uma das assistentes sociais afirma que procura mostrar ao seu gestor qual é seu verdadeiro papel: "O meu papel é mediar conflito. [...] Eu tô aqui, não prá dar o peixe, mas prá ensinar a pescar. (Beatriz). Quanto questionada se os empregados aprendem a pescar a assistente social responde: "Assim... Eu acho que sim!". A profissional faz uso de um jargão de senso-comum e sua declaração contém traços da visão liberal conservadora da sociedade capitalista.

As múltiplas fetichizações que aparentemente diminuem as distâncias hierárquicas entre os níveis de gestão e os trabalhadores encobrem as contradições próprias das relações de trabalho contemporâneas, transmitindo a ilusão de equilíbrio e pretensa harmonia entre todos os outros seguimentos de empregados da Vale, que só é quebrada quando emergem conflitos explícitos que contrastam com aquela aparente neutralidade, conforme relato: "Eles [os usuários] xingam, brigam. Eles falam que a gente não faz nada [...]. É muita pressão! Não é pressão de trabalho. É pressão das pessoas querer dizer: Você tem que fazer isso!" [SIC]. [...] Não tem um dia que eu não vou chateada prá casa. Não tem UM dia!".

Uma das profissionais se refere à falta de articulação política entre as assistentes sociais da empresa, demonstrando ter conhecimento sobre a correlação de forças existente

¹⁶ O Procedimento Operacional- PRO é uma normatização institucional que descreve a forma com que o programa, já elaborado e padronizado verticalmente será desenvolvido em cada uma dessas localidades.

nesse espaço pretensamente homogêneo e associa isso também à inexistência de um representante da categoria na diretoria corporativa. “[...]A empresa também não é boba não, porque até que ponto ela quer que a gente se fortaleça enquanto categoria? Eles não gostam de dizer que são várias áreas dentro da Vale. O corporativo não suporta isso. É Vale! (grifo nosso).

Crises de identidades se revelam efetivamente quando as assistentes sociais falam sobre a forma com que correlacionam, ou pensam correlacionar, os valores contidos no projeto empresarial com os valores e princípios do projeto ético-político-profissional. O estranhamento e o distanciamento das profissionais dos valores e princípios do projeto ético-político da categoria são nítidos. Elas se referem com muito mais propriedade aos valores da Vale do que os da profissão e fazem avaliações superficiais quanto ao PEPP. Dentre estes valores, a “vida em primeiro lugar”, está fortemente arraigada nas representações das profissionais, no entanto, nenhuma se refere com clareza aos princípios do código de ética profissional.

Questionou-se às profissionais se as mesmas se sentem satisfeitas profissionalmente na Vale. Em que pese a inversão de valores observada até então, seus discursos revelam de forma parcialmente explícita sua essência contraditória.

Tem dia que sim... Tem dia que não... Há uma dualidade em mim, de satisfação, de insatisfação, de contentamento, descontentamento. [...] A gente lida com desligamentos, com pessoas que a gente gostaria muito que abraçasse com unhas e dentes o programa de recuperação prá dependentes químicos e aquela pessoa não tem a mesma motivação que eu, não tem o mesmo desejo que eu tenho prá ela. E aí aquilo ali me derruba. [SIC] (Clarisse).

Suas identidades manifestam uma dicotomia entre o que representam e o que gostariam de representar. Para uma das assistentes sociais entrevistadas, trabalhar na Vale era a realização de um sonho, no entanto, quando avalia sua condição atual revela certa frustração: “Eu imaginava que a Vale tinha uma estrutura do Serviço Social [...] e quando eu cheguei aqui eu falei: “Gente! Uma empresa como essa não tem! [...]Será que a Vale é pro resto da vida!” [SIC].

Uma das profissionais relata que terá que residir no Núcleo Urbano de Carajás: “Morar em Parauapebas eu acho que é ótimo e morar no Núcleo vai ser muito ruim. Perguntamos o porquê seria ruim morar neste local: “Por causa disso: ‘o fantástico mundo de Bob’! Ilha da fantasia! ‘Big Brother’ a céu aberto! A profissional demonstra tristeza e

ao ser questionada se está preparada para essa mudança a mesma expressa, em tom levemente irônico: “nem um pingo e nem quero me preparar! Não quero morar lá!”.

As ideologias implícitas em todos os ambientes da empresa vão desde a linguagem contida nos documentos institucionais até as cores padronizadas nas pinturas dos prédios, tanto externa quanto internamente. Através dessas ideologias a empresa se apropria da capacidade intelectual das assistentes sociais que têm suas identidades profissionais transformadas.

As potencialidades de superação da prática profissional alienada se revelam sutilmente nas entrelinhas dos discursos, demonstrando que apesar das adversidades, as mudanças sempre são possíveis. É o que transparece a fala a seguir, com a qual encerramos este artigo.

É, mas que eu entendo que isso faz parte do ser humano e serve inclusive como combustível prá não desistir. Que apesar das coisas ruins outras são possíveis [...]! Não nasci na Vale! Tenho plena clareza que não vou morrer nela e nem vou morrer por falta dela. Trabalho todos os dias dando o meu melhor. Se hoje for o último, amanhã faz dois dias! [SIC].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideologias presentes no planejamento estratégico empresarial e no projeto ético-político profissional são permeadas de contradições que se materializam no cotidiano pesquisado e concorrem para a transformação das representações e identidades das profissionais entrevistadas. Dessa forma, concluímos que no contexto de reestruturação produtiva as identidades das assistentes sociais da Vale, na região de Carajás, são identidades às avessas do projeto ético político do Serviço Social, que contribuem para a reprodução de práticas mistificadas e reducionistas, que reproduzem os interesses capitalistas.

Entretanto, tal postura não é perceptível, pois elas são envolvidas nos mesmos processos de alienação e manipulação consensual que os demais trabalhadores. Os fundamentos críticos da profissão subsumem aos valores abstratos (valorização da vida, a vida em primeiro lugar); a ideologia do protagonismo (crescer e evoluir juntos, fazer acontecer); os discursos apelativos (paixão pelas pessoas e pelo planeta), são fixados mecanicamente e se reproduzem nos comportamentos, nos gestos, na linguagem e no agir profissional.

As identidades às avessas predominam na prática das assistentes sociais da Vale em Carajás e se constituem no principal desafio encontrado nesse espaço sócio-institucional. Entretanto, não se deve atribuir às identidades às avessas um caráter imutável ou unilateral, polarizada em seu verso ou anverso, pois elas são forjadas no interior das relações sociais eminentemente contraditórias sob o modo de produção capitalista, que se materializam na Vale em Carajás e desse modo, estão em constante transformação.

No exercício profissional, o assistente social pode favorecer tanto a hegemonia vigente quanto uma contra-hegemonia, o que requer o desenvolvimento de possibilidades objetivas, criadas a partir de concepções críticas da realidade, que possibilitem a prática mediada entre as demandas impostas pelo capital e as necessidades reais dos trabalhadores.

A revelação de alguns aspectos de uma vida que nem sempre é vivida nas relações sociais de trabalho das assistentes sociais é um convite à reflexão e ao debate sobre a profissão e as potenciais estratégias de desenvolvimento de uma prática cheia de sentido, de materialidade e concretude.

REFERÊNCIAS

ABESS/CEDEPSS. Diretrizes Gerais para os Cursos de Serviço Social (com base no currículo mínimo aprovado em assembléia geral extraordinária de 8 de novembro de 1996). I: **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 7, p. 58-76, nov. 1997.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct...>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 1ª ed. 8ª reimp, rev e ampl. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. Código de Ética Profissional do Assistente Social. Brasília, 15 de março de 1993.

BRASIL. Lei 8662/1993. Dispõe sobre a profissão de Serviço Social e dá outras providências. Brasília, 7 de junho de 1993..

CFESS. **Esclarecimento Sobre a Implantação da Jornada de 30 Horas para Assistentes Sociais sem Redução Salarial**. Brasília, 2011.

ENCONTRO INTERNACIONAL DOS ATINGIDOS PELA VALE. **Dossiê dos Impactos e Violações da Vale no Mundo**. São Paulo, 2010.

GRAMSCI, Antônio. Dos Cadernos do Cárcere, 1929-1935. In: COUTINHO, Carlos Nelson (org). **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Et. seq.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. 22. ed. São Paulo, Cortes, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1998

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Vol I. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATHIS, Adriana de Azevedo; MATHIS, Armin. **Reorientação de Políticas Públicas Sociais e Novas Estratégias de Desenvolvimento: um estudo realizado na região de Carajás/Pará**. 2012. No prelo.

NETTO, José Paulo. Notas sobre a reestruturação do Estado e a emergência de novas formas de participação da sociedade civil. In: BOSCHETTI (orgs). **Política Social: alternativas ao neoliberalismo**. Brasília: UNB, 2004. p. 71-83.

YASBEK, Maria Carmelita. **Classes Subalternas e Assistência Social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Et. seq

VALE S.A. Relatórios de Sustentabilidade (2007-2014). Disponíveis em: < <http://www.vale.com>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

_____. **Política de Desenvolvimento Sustentável**. 2009. Disponível em: < <http://www.vale.com>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. **Código de Ética e Conduta**. 2014. Disponível em: < <http://www.vale.com>>. Acesso em: 20 jun. 2014.